

A menina n'Os *ínvios caminhos*: ler, escrever, psicanalisar, de Lucia Castello Branco

Jonas Samudio

Termino, neste instante, a leitura. É uma margem. Continuo a escrita, tesouro de poucos recursos. É um mar.

Reinicio-as. Prossigo, seguindo o fio delicado do desejo no compasso da decisão. O título acrescenta a essa escrita, a essa leitura: psicanalisar.

Com esse verbo, de fato, escreve-se o subtítulo: “escrever, ler, psicanalisar”, posto ao título: *Os ínvios caminhos*, de Lucia Castello Branco, seu livro publicado em 2019 pela editora Cas'a, de Belo Horizonte.

Recordo-me do lançamento, já *online*, “em outra modalidade de presença”, como disse a autora, no vídeo de divulgação. Junto com *Os ínvios caminhos*, Lucia Castello Branco publicou, na mesma ocasião e pela mesma editora, *Feminino de ninguém: breves ensaios de psicanálise literária*, em que, junto a um artigo seu, alargando e intensificando o pensamento acerca dessa figura, “feminino de ninguém”, recolhida da obra de Maria Gabriela Llansol, obra à qual se dedica desde 1992, publicaram também Janaina de Paula e Vania Baeta. Foi *online* o lançamento, ainda uma presença, em tempos em que isso, nem de longe, desenhava-se como possível — como, meses depois, se desenhou.

Foi num sábado de dezembro de 2019. Havia chovido no dia anterior, as poças, várias delas, espalhavam-se pelos ladrilhos hidráulicos da pequena vila. Havia também, em cada poça, uma memória de areia, pó que a chuva recolhe, e uma esperança de água, umidade que se converte em ar.

Recordo-me disso, trago-o ao coração, como numa dedicatória, para trazer, ainda ao coração, a leitura: aqui, um breve comentário acerca desse prisma de três lados biografêmicos, com uma menina e seu mar.

Água e areia, também o sal: o mar, imagem mais-que-presente n'Os *ínvios caminhos*. Talvez porque, de um lado, com a repetição da palavra “caminho” — note-se que, em *ín-vio*, aparece, junto à preposição *in-*, a via, o caminho —, poderíamos ler “sem caminhos caminhos” e também “através dos caminhos caminhos”; e, de

fato, assistimos a uma repetição de significantes nos títulos dos capítulos: “Escrever (ler, psicanalisar)”, “Ler (escrever, psicanalisar)” e “Psicanalisar (ler, escrever)” — repetição que, preciosa, gira os saberes e os gestos, mostra seus incomparáveis lados, revela seus invio-lados: pois, se “há um lado da flor/que não penetramos:// talvez a reserva sitiada/onde guarda seu aroma” (Denófrío, s.d.), se é invio esse caminho, nada nos impede que o tentemos escrever, certos de que, na letra, repetindo-as, é a uma flor de sal que recolhemos. Talvez, ainda e de outro lado, porque na repetição da palavra se caminha e se avança, e, entre mar e mar, é o aberto que, através do sem caminho, se percorre. E de que se retorna, flor que se leva, rápido, à língua, entre escrever, ler e psicanalisar.

Flor ímpar jamais sem sal.

Trajeto trilhado ao invio-lado de uma menina: primeiro, em “Escrever (ler, psicanalisar)”, é a que “desfiava as tranças do sofá” (Branco, 2019, p. 9), enquanto se desenha a voz rouca e intensa de sua mãe. Praia de destroços, mais sal que flor: o real que se enrola, se levanta, se enovela. Nesse primeiro momento, o livro nos fala da escrita que assujeita, que escreve o sujeito na radicalidade do fora, fora do eu, da representação, do corpo como unidade. Escrita que é “pensamento fora da reflexão” (Branco, 2019, p. 13), pois, ao contrário de um “eu” que, diante do espelho, vê-se devolvido em sua identidade, a escrita de que trata a menina é a dos espelhos de Agnès Varda, na imagem inicial do filme *As praias de Agnès*, que devolvem ao mar a imagem do mar. Aberto se espriando, se ex-praiando: de fora a fora, a poesia avança além da praia, ainda que o lápis, sorte de moldura, nela esteja fincado.

O mar recebe, de chofre, a imagem de mar. Sem permissão, o invio-lado das areias sustenta o movimento de volta das ondas. É ninguém que ali passa, é “a existência de um ninguém que escreve” (Branco, 2019, p. 17), que esse vaivém testemunha. Flor de sal desenhada pelo vento, pela água, na areia, múltiplo corpo secretando o corpo, escrita da menina sobre a

(...) vida nua, [que] ela conheceu da primeira vez em que sentiu seu corpo granuloso de areia mergulhar no mar. O choque da água fria com o corpo quente, o balanço das ondas e sobretudo o barulho delas — o marulho — a traria para sempre de volta a essa paisagem de escuta, que mais tarde ela transformaria numa paisagem de escrita. (Branco, 2019, p. 21)

É o marulho, o granuloso desenhando o corpo que ganha corpo, choque de calores. Voz do mundo que, passando pelas extremidades, torna a fincar-se nos areais diante do mar.

E faz-se livro, faz-se texto, que, agora, em “Ler (escrever, psicanalisar)”, também se faz Amor; e se faz o mal-estar que esse conto, de Clarice Lispector, causa

à menina. Mal-estar, afeto estreito, ainda sal em flor, testemunha de que “o leitor não é caro, é raro” (Branco, 2019, p. 29), é alguém que se encontra para fazer companhia, ainda quando nada faz sentido: “quase se desiste de fazer sentido, quando a leitura se abre à pura literalidade das imagens sonoras ou visuais, alguém desaparece, dando lugar ao ‘ele sem rosto’” (Branco, 2019, p. 31). Alguém desaparece e, talvez como o “eu”, “ele” desapareça, e siga a leitura a menina, menina a caminho, como diz o conto de Raduan Nassar, da leitura, ondulando entre a passividade sem pressa, própria do ler (Branco, 2019, p. 33), e a agilidade decidida de quem aprende a caminhar. Em cada passo, os lapsos (Branco, 2019, p. 34) que se distribuem pelo caminho e que, descortinando-os, recobrem os invio-lados de uma jovem que lê poemas.

Não há tradução para esses passos. Há desejo de tradução, e o livro da ainda menina passa a falar dos “primeiros escribas [que] não sabiam ler” (Branco, 2019, p. 35) e que, sem o saber, criavam, nas tábuas de barro, nos papiros, nos pedaços de couro, lapsos e cortes, com bicos e pontas que, se pedem tradução, dispensam quem os escreveu (Branco, 2019, p. 36). Menina a caminho, agora já mulher, ela reconhece, nos textos de outra, Maria Gabriela Llansol, o que os traços redoam ao corpo quando, diante deles, um sujeito, em estado de ninguém, se põe a ler: “um texto ‘a mais’, numa cena de leitura e impossível tradução. Ela estava diante de um texto ‘hermeticamente fechado’, e ele se abria, de repente, espriado, diante de seus olhos” (Branco, 2019, p. 37).

Texto espriado, escrita lançada para além do campo da literatura, no espaço literário que alcança, em ondulações, o campo da psicanálise. Assim, agora mulher, a menina, em “Psicanalisar (escrever, ler)”, inicia descrevendo uma cena: está diante do analista, que tem um dicionário pousado em seus pés, e ambos conversam sobre os equívocos e as equivalências das palavras, da língua. Flor de sal no céu da boca, mar se espriando para além da beira dos lábios: “algo da psicanálise, para ela, estaria inscrito, definitivamente, na dimensão do feminino e da poesia” (Branco, 2019, p. 42). E se a escuta se desdobra em escrita, e ambas encontram a leitura como sua irmã gêmea, e os três invio-lados caminhos se atravessam, agora toca a tornar à escuta, que, sendo de outra ordem, não seria tão distante, mas equidistante.

Como equidistante seguia, agora, a escuta não da voz rouca e intensa da mãe, mas da voz matricial da escrita, “matriz de todos os animais, de todas as plantas, de todos os seres existentes” (Llansol, 1996, p. 160), que, desde cedo, ela optara por transmitir. E, através da depuração do desejo, não sem escrita, chega àquilo que aproxima, sem com-fundir, os três lados desse livro, ler, escrever, psicanalisar: a experiência.

Experiência, o pôr-se a perigo que porta a potência da transmissão de uma língua secretada, de Marguerite Duras e Bárbara Mollinard, de segredos e secreções que, se a ninguém pertencem, a ninguém interessam, e viram livro, outra escrita:

O que faz, então, com que aquele que já encontrou esse recurso — o dessa escrita — venha, um dia, a procurar um analista? Talvez o desejo de encontrar alguém que o “ame com bondade e saiba ler” (LLANSOL, 2003, p. 80). Talvez tão somente o desejo de encontrar aquele que, lendo, possa “fazer com que o livro se escreva ou seja escrito”, “sem que ninguém o escreva” (BLANCHOT, 1987, p. 193). Talvez, finalmente, o desejo de encontrar aquele que, traduzindo, com o dicionário a seus pés, possa fazer de um verbete um equívoco e da equivocidade uma equidistância: “a mais curta distância entre dois pontos” (LLANSOL, 2011, p. 126). Para afinal fazer, de um chão de letras, um rumo; do grão de amor, um grumo: condensação de vida em estado puro, sempre a se deslocar. (Branco, 2019, p. 51)

Vira outra escrita, ainda vida.

E se, como aprendeu com Lacan, A mulher não existe (Lacan, 1972-1973/2010, p. 150), a menina segue a caminho, escrevendo, lendo, psicanalizando, um ramo de flor de sal banhando as águas, seu mar.

Referências bibliográficas

- Branco, L. C. (2019). *Os ínvios caminhos: ler, escrever, psicanalisar*. Belo Horizonte: Cas'a.
- Denófrío, D. F. *Ínvio lado*. (S.d.). Recuperado em 1º de março, 2021, de http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/goias/darcy_franca_denofrio.html
- Lacan, J. (2010). *Encore*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana. Inédito. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Llansol, M. G. (1996). *Causa amante*. Lisboa: Relógio d'Água.

Recebido: 01/12/2021

Aprovado: 15/12/2021